

O homem que vinha ao entardecer

*Falava com devagar, ajeitando as
palavras. Falava com cuidado,
houvesse lume entre as palavras.*

*Chegava ao entardecer, os sapatos
cheios de terra vermelha e do perfume
dos matos.*

Cumpria rigorosamente os rituais.

*Batia primeiro as palmas (junto
ao peito)
Depois falava.
Dos bois, das lavras, das coisas
simples do seu dia-a-dia. E todavia
era tal o mistério das tardes quando
assim falava*

que doía.

Tempo das Chuvas

*Antes que venham as primeiras chuvas
acender
Amarelas flores entre os rochedos
E o céu se torne móvel de compridos pássaros
E todo o chão se cubra do verde novo
Do capim*

Saberás pelo vento que chegaste ao fim.

Questionado sobre a razão pela qual quis escrever livros para crianças...

“Porque era um desafio. Quando me propuseram isso, achei que não era capaz porque, ao contrário do que muita gente imagina, penso que é mais difícil escrever para crianças. As pessoas pensam que qualquer um pode escrever para crianças, e é exactamente o contrário; acho que escrever para crianças é um desafio enorme e uma responsabilidade muito grande. Primeiro, porque estamos a captar leitores, a seduzir novos leitores e a tentar entrar num mundo que já foi nosso mas que não é nosso já; é contar histórias que sejam capazes de atrair as crianças, com uma linguagem rica e acessível – a linguagem não pode ser pobre, mas deve-se conseguir que as crianças entendam, mesmo quando não compreendem determinadas expressões, sem ser demasiado didáctico. Tudo isso é um desafio. A linguagem num livro para crianças deve ser o mais rica possível e inteligente, porque as crianças são mais inteligentes que os adultos (isso acho que está comprovadíssimo: a gente nasce com a inteligência toda e vai-a perdendo enquanto envelhece). Portanto, as crianças são extremamente inteligentes, são capazes de perceber as coisas, de adivinhar, de intuir; ...”.

“Antigamente todos os contos para crianças terminavam com a mesma frase, e foram felizes para sempre, isto depois de o Príncipe casar com a Princesa e de terem muitos filhos. Na vida, é claro, nenhum enredo remata assim. As Princesas casam com os guarda-costas, casam com os trapezistas, a vida continua, e os dois são infelizes até que se separam. Anos mais tarde, como todos nós, morrem. Só somos felizes, verdadeiramente felizes, quando é para sempre, mas só as crianças habitam esse tempo no qual todas as coisas duram para sempre.”

"Em criança tirei um pássaro de dentro de uma pequena gaiola. O pássaro não voou. Ficou ali andando aos círculos, aos círculos, aterrorizado com a largueza do mundo e a responsabilidade enorme de ter de sobreviver por si. Quando me libertaram eu senti-me assim. Vagueava pelas ruas sem rumo certo. Também tinha dificuldade em reconhecer as coisas e as pessoas. Aquela cidade já não me pertencia ao meu organismo, era uma prótese."